

CAPÍTULO XV – A IMPORTÂNCIA DE APROVEITAR AO MÁXIMO CADA EXPERIÊNCIA

Ralph Remington, em Espírito, precipitou-se através de vastos espaços, ou por uma esfera de luz que parecia preencher o universo. Incontáveis átomos em turbilhão compunham esse poderoso Sol luminoso. Cada átomo inseparável estava permeado pela Consciência Universal, e ele instintivamente reconhecia-se como parte daquela esfera de luz e de suas partículas indiferenciadas. Então, ocorreu uma mudança. Houve um grande movimento cantante — uma maravilhosa profusão de tons poderosos, com cada átomo movendo-se ao som de um tom que lhe era próprio. Ele ainda se sentia parte do Todo, mas observava a trajetória de um desses átomos cantantes enquanto, acompanhado por sua poderosa multidão, ele girava para baixo e para fora. Ao girar para baixo, o átomo atraía para si matéria de densidade cada vez maior. Depois, fez uma pausa — talvez por eras — em um reino etérico, onde envolveu seu núcleo radiante com um véu tênue.

Ideias e pensamentos residiam nessa substância, aguardando corporificação e expressão. O átomo em turbilhão não podia expressar-se ainda; tinha eons de descida pela frente até que os mecanismos adequados estivessem prontos; depois, em sua longa jornada de ascensão, teria de aprender a evoluir e a expressar-se por meio de seus complexos invólucros.

Ele observava, como um espectador à parte, o turbilhão descendente e as pausas seculares em cada Plano Cósmico, enquanto o átomo acumulava nova matéria e novas experiências. Então, sua consciência foi subitamente mergulhada nas profundezas da matéria, em um globo sombrio, e sua longa peregrinação teve início.

Ao longo de eons, ele observou o germe em evolução — a centelha da Chama — traçando seu curso através de Globos, Revoluções e Períodos, até que

começasse sua obra como ser humano. A consciência despertou em climas tórridos, onde cresciam samambaias gigantes e florestas tropicais.

Desabrochou em terras polares, entre o gelo e a neve; em meio a vastas civilizações e na solidão dos desertos da perdida Atlântida. Houve ondas gigantescas, convulsões vulcânicas, cataclismos poderosos, muitos nascimentos e mortes, impactos violentos; contudo, a consciência despertava lentamente. Às vezes, passavam-se eras antes que houvesse algo a extrair e assimilar da experiência de vida, tão profundamente estava o Espírito enredado na matéria. Naqueles tempos remotos, a alma crescia, de fato, muito lentamente.

Vislumbres surgiam agora diante do observador: selvas indianas, jardins persas, templos egípcios e, então, uma Acrópole grega — e ali ele fez uma pausa, e a consciência tornou-se ativa. Ele viu um homem de porte nobre, um filósofo em meio ao seu grupo de discípulos. Um jovem, entre eles, sentava-se a seus pés e absorvia as palavras de sabedoria, mas não as vivenciava. Era um patrício arrogante que buscava o saber pelo saber, pela casta, pelo poder! Mais tarde, o Mestre foi para sua casa, situada entre os bosques atenienses, e o patrício o acompanhou. Ele amava a bela filha do filósofo, mas amava ainda mais o poder. O compromisso de casamento fora firmado, e o dia da união se aproximava. Naquela mesma noite, na casa do patrício, uma escrava foi açoitada por uma falta qualquer e morreu com uma maldição nos lábios. Com o espírito altivo e indomável de um líder, o jovem esmagava tudo — até mesmo a virtude e a verdade — em sua busca desenfreada pelo poder. Conquistou-o, mas perdeu a noiva: ela o rejeitou com um desprezo silencioso.

Jurou vingança e, mais tarde, casou-se com uma beldade sem alma, que o auxiliava em seus planos nefastos para obter ainda mais domínio!

A filha do filósofo casou-se com outro discípulo de seu pai, um homem de alma nobre que também se tornou mestre entre os homens. Palavras de sabedoria — a sabedoria arcana — fluíam de seus lábios enquanto caminhava pelos bosques atenienses com seu grupo de discípulos escolhidos, e sua fama se espalhava pela Grécia e pelas ilhas do mar. A felicidade coroou essa união — parecia ideal, assim como a de seus pais —, mas uma morte trágica abateu-se sobre a jovem matrona grega. Enquanto essa cena passava diante dos olhos do observador, sua angústia extravasou em um grande grito:

— “Marozia... Marozia, eu teria morrido por você!”. — “Marozia!”, repetiu ele, despertando então para a consciência do presente. — “Marozia”, sussurrou novamente, já desperto e ciente do que o cercava. — “Ah, foi aí que encontrei o nome! Era ela, naquela outra vida!”. Ergueu-se subitamente, mas caiu para trás, tomado por uma vertigem avassaladora, e pareceu ser transportado novamente para a era romana. Sua retrospectiva ainda não estava completa.

Um tribuno romano é conduzido em sua carruagem desde a vila, situada no alto das colinas com vista para a cidade e a Campânia. Seu destino é o Fórum. Uma questão de grande importância está em jogo, podendo decidir o destino da nação. Ele permanece como alguém inspirado, enquanto uma oratória apaixonada comove a multidão diante dele. Na Villa, uma nobre matrona romana aguarda sua chegada e, ao saudá-lo, seus olhos brilham com um amor terno e devoto. — “Ah, isto é o melhor de tudo!”, exclama ele, com o tom apaixonado de um amante. — “O amor é melhor do que a fama!”

Um belo jovem surgiu de repente e suplicou permissão para visitar a Grécia e o Oriente, a fim de estudar a sabedoria dos sábios e as escolas de mistérios.

Contemplando com terno orgulho o seu nobre filho, a permissão foi concedida. Muitas cenas passaram rapidamente diante do observador. Houve

intrigas, conspirações, mudanças de dinastia, vitórias e derrotas, e o Tribuno Romano estava no meio da batalha. Um certo Centurião era o seu inimigo mais implacável e ferrenho. Esse comandante garantiu a cooperação de um escravo grego da casa do Tribuno e, certa noite, uma taça com veneno foi-lhes servida. O Tribuno e sua bela esposa foram as vítimas. Mais tarde, o Centurião teve o mesmo destino pelas mãos do escravo.

Mais uma vez, a cena muda para a corte de um rei em um reino espanhol. Muitos grandes filósofos e sábios estavam reunidos ali. Havia também alquimistas e astrólogos árabes. Entre eles, havia um que conhecia seu poder e o utilizava. Ele era o poder por trás do trono e usava sua influência para o mal. Dedicava-se às artes das trevas e era temido por todos. Conquistou o amor — ou o obteve à força por meio de sua magia — de uma bela e jovem princesa, para depois descartá-lo como algo de pouco valor. Um rei governava uma das províncias do reino. Sua alma poderia ter sido grandiosa e nobre, mas o orgulho e o intelecto dominavam-no — não o amor e a compaixão.

A princesa cortejada pelo mago das trevas era sua filha. Privada de amor, ela também buscou refúgio no orgulho e no intelecto, tornando-se famosa por sua sátira e sagacidade. Muitos pretendentes afluíam à sua corte, mas ela desprezava o amor. Ela o satirizava e usava seu brilhante intelecto para provar que apenas a razão deveria governar e conduzir a Humanidade. Seu pai, o Rei, compartilhava dessa visão. Os escravos e servos da corte não passavam de mercadorias e propriedades. Se sofriam, era apenas uma consequência natural da escravidão e da servidão. Ele nunca foi cruel, mas o amor e a compaixão lhe eram estranhos naquela época. No entanto, como sua alma era inerentemente grandiosa e nobre, e seu intelecto brilhante, ele não estava longe de seu despertar. Faltavam-lhe apenas um pouco mais de sofrimento e mais algumas provações para que sua vida ficasse plena desse frutos abundantes. Ele havia experimentado o poder ao longo de muitas vidas; agora, era preciso despertar a compaixão.

— “Ah, Marozia”, sussurrou ele, ao despertar novamente para a fase atual da vida eterna e única, — “a lição foi aprendida — nossa lição foi aprendida.”.

A escola de Marozia estava prestes a fechar para o verão. Situava-se em um povoado agrícola, mal merecendo ser chamado de vilarejo. Seus alunos eram meninos e meninas da fazenda, que precisavam retornar cedo ao trabalho no campo. Os mais adiantados entre esses jovens moradores do campo frequentavam a antiga escola de seu pai, que os levava até o segundo ano da faculdade.

Hoje, enquanto Marozia voltava pelos campos recém-arados para a casa da fazenda onde estava hospedada, uma tempestade que se formava desabou com fúria sobre sua cabeça desprotegida. Os relâmpagos eram vívidos — cegantes, até —, mas ela sentia um certo desafio diante do perigo; uma ousadia elemental que brotava das profundezas inquietas de seu ser. Era um conflito perpétuo em seu interior; por que não também no exterior? — “Passarei a detestar tudo o que é calmo e sereno se essa guerra continuar”, exclamou ela, com um arrebatamento que a fez estremecer, ao sentir um estrondo repentino de trovão despertar seus sentidos. Um frenesi — metade êxtase, metade terror — apoderou-se dela. Ela estava em total sintonia com o estado de espírito da natureza. “Em meio a cenas de terrível comoção” — “Sim, isso é o melhor nesta etapa da jornada; o conflito terminará mais cedo, pois há um limite para o que podemos suportar — nestes corpos sensíveis!”. Assim ela falava consigo mesma, enquanto a tempestade lá fora respondia àquela que rugia em seu interior.

Quando chegou ao seu sótãozinho sombrio, a tempestade havia perdido a força, e ela foi tomada pelo desânimo. O ambiente ali dentro era tão barato, grosseiro e feio — e tão sufocante. Havia algo nela que sempre protestava contra condições feias e sórdidas. Guardava lembranças vagas de salões de mármore, de elegância cortesã, de posição social, de poder. Esse senso inato

era mais do que instinto, mais do que um sonho: era uma realidade da qual ela fazia parte. Todos com quem ela convivia reconheciam sutilmente esse poder inato; ele transparecia em seu rosto, revelava-se em seu porte e se manifestava em sua alma sublime — em sua majestade e nobreza, em sua beleza refinada. Ela sempre fora diferente das pessoas ao seu redor.

A Sra. Morton e seu pai eram as únicas exceções. Era essa a qualidade que os moradores do vilarejo reconheciam, mas não conseguiam compreender — e, por isso, a ressentiam à sua maneira desajeitada. O ambiente sempre significara muito para ela, mas ela estava aprendendo a viver, a suportar e a sorrir apesar de tudo. Naquele dia, seu quarto parecia incomumente deprimente. Os cheiros da cozinha ainda pairavam entre as vigas rústicas. Ela abriu a pequena janela, e uma lufada de ar carregado de chuva varreu seu rosto ruborizado. Respirou fundo, enchendo os pulmões. Num ímpeto apaixonado, clamou ao Infinito: — “Meu Pai, não suporto mais isso! Esta existência claustrofóbica e sufocante vai me matar! Preciso de liberdade, de vida! Até mesmo uma tempestade seria melhor – a fúria de um ciclone! Prefiro que minha vida se apague numa tempestade rápida e violenta a arrastar-se interminavelmente numa monotonia monótona e prolongada!”.

Então, pensou em seu pai. Não, preciso viver por ele! Preciso aprender a viver, mesmo desta maneira! Viver, não apenas existir! Lembrou-se de seu antigo professor, o Sr. Arlington, e de algumas coisas que ele lhe dissera sobre o significado da vida — a vida verdadeira. Um pensamento sobressaía claramente entre os demais, como uma espécie de conclusão para suas reflexões: a importância de aproveitar ao máximo cada experiência e de encontrar uma lição em cada situação infeliz ou angustiante.

— “Caso contrário”, ele concluía, “podemos passar a vida inteira apenas tangenciando as experiências, sem extrair delas nada que possamos levar conosco e transformar em essência da alma ou em faculdade interior.

Devemos aprender a dominar as circunstâncias, e não permitir que elas nos dominem!”

— “Sim, é isso que devemos fazer”, respondeu ela, como se sua alma estivesse falando com ele. — “É isso que devo fazer aqui e agora!”

Aproximou então sua poltrona de leitura da janela; a tempestade estava passando. Ela sempre gostava de ler uma epopeia ou tragédia quando os elementos da natureza estavam em conflito. Pegou a *Ilíada*¹, mas não conseguiu se deixar absorver pelas disputas dos antigos heróis gregos e troianos. Pela primeira vez, todo o estrondo das ações bélicas e os detalhes minuciosos das movimentações nessas disputas pareceram-lhe tolos, triviais. As páginas pesadas já não eram comparadas, por sua imaginação vibrante, à marcha de Júpiter. Aqueles heróis lendários pareciam, de repente, não passar de crianças grandes. Nas complexidades maravilhosas que a consciência em desabrochar apresenta nesta fase de desenvolvimento, a proeza física na guerra — requisito principal daquela era distante — parece, de fato, simples e primitiva.

A batalha agora trava-se no interior, onde situações maravilhosas se desenrolam — onde questões grandiosas estão em jogo e forças lutam às cegas, envoltas em trevas. E, às vezes, não se tem certeza absoluta do motivo do conflito ou de qual é a questão em pauta. De uma forma metafísica e vaga, a Mente sabe que se trata do conflito milenar entre o bem e o mal, a ser travado no campo de batalha da alma; mas onde está a linha divisória? Parece, em última análise, uma questão de paralaxe, de posição no Caminho. Contudo, a batalha deve prosseguir, e a alma deve sofrer e, com esse sofrimento, adquirir experiência.

¹ N.T.: um dos dois principais poemas épicos da Grécia Antiga, de autoria atribuída ao poeta Homero, que narra os acontecimentos decorridos no período de 51 dias durante o nono e penúltimo ano dos dez anos da Guerra de Troia, conflito empreendido para a conquista de Troia, cuja gênese radica na ira de Aquiles.

Assim, naquele dia, tudo no mundo exterior parecia comum para Marozia. Seu mundo interior, porém, revelara de repente possibilidades extraordinárias: possibilidades de um sofrimento titânico e de uma marcha firme e heroica rumo ao silêncio e ao crepúsculo. Enquanto estava absorta em meditação, pareceu-lhe ouvir a voz do pai, e a imagem dele surgiu diante dela com absoluta nitidez.

— “O que houve, Pai?” — exclamou ela, levantando-se de um salto. — “Preciso ir até ele... algo aconteceu.”. Ela soluçou baixinho ao recair na cadeira, tomada por uma súbita fraqueza. A antiga biblioteca da Villa surgiu diante de seus olhos com uma nitidez impressionante. Ela viu o tom carmesim desbotado das tapeçarias e do tapete; as longas fileiras de estantes coroadas pelos bustos de Homero, Milton e Shakespeare; a grande lareira diante da qual se sentavam nas noites de inverno e a prateleira ricamente entalhada, que sustentava o relógio antigo e os vasos; o tapete de pele branca diante da lareira, onde ela costumava se enroscar com Rover aos pés do pai; a poltrona grande, posicionada junto à mesa da biblioteca, e o fogo que brilhava intensamente.

Ela via o rosto de seu pai — uma face imponente e espiritual, paciente e sofrida — e podia ouvir sua voz, que se tornava mais baixa e terna à medida que a luz suavizava e se esvaía, e as sombras avançavam pelos cantos, ao redor das grandes estantes de livros. Como ele interpretava, parafraseava e sugeria novas belezas de expressão, com seu jeito vívido, entusiasta e inimitável. Suas paráfrases eram a melhor parte de tudo aquilo. Enquanto a luz desaparecia, ela sempre se sentava em seu banquinho, ao lado dele, com a mão dele pousada em bênção sobre sua cabeça, coroada por cabelos escuros e brilhantes.

Às vezes, e ela estremecia quando essa imagem lhe vinha à Mente, a sorveira agitava suas bagas vermelhas contra as vidraças da janela, enquanto o vento

noturno se levantava e gemia como uma alma em sofrimento. Então, enquanto essa cena passava diante de seus olhos, algo estranho acontecia. De repente, sua visão se ampliava e outra cena, situada na era clássica, se desenrolava. Uma fachada grega, um jardim singular, o litoral — cena após cena, em visão panorâmica, passava diante dela — e, sempre, parecia haver dois Espíritos indissociavelmente ligados ao seu. À medida que o pergaminho se desenrolava, ela percebia outra influência: uma força poderosa, mas diante da qual ela recuava, tomada por um vago horror. Então, uma vila romana surgia à vista, e ela sentia aquele mesmo grande Espírito caminhando ao lado do seu pelas cenas marcantes daquela época. Havia sempre uma profunda sensação de unidade com o grande “Eu” – o Ego – que, naquele momento, se ocultava sob a Personalidade de seu pai. Ao retomar o fio de sua vida presente, ela se levantou de um salto e preparou-se para ir até ele. Viajou na carroça de um fazendeiro até o vilarejo e, depois, apressou o passo pela rua lavada pela chuva. Estremeceu ao ouvir o ranger da velha roda do moinho, mas seguiu adiante, impulsionada por um único desejo: chegar até o pai.

— “Ah, minha garotinha, eu sabia que você viria!” — disse ele quando ela entrou. Ela ficou muda de espanto diante da palidez do rosto dele. Ele tentou sorrir enquanto estendia os braços em direção a ela.

— “Pai!” — ela exclamou, ofegante, enquanto escondia o rosto no ombro dele e soluçava, tomada pela fraqueza que sucede a uma forte emoção. Sentia-se tonta e enjoada.

— “Você me chamou, pai?”

— “Sim.”

— “Você precisava de mim, querido pai?”

— “Sim, eu precisava de você..., mas por que você achou que eu a chamei?”

— “Ouvi você com clareza e a vi ao meu lado, por isso vim.”

— “Minha garotinha, filha do meu coração!”

— “Mas, Pai, o senhor está doente... conte-me tudo, pois agora sou forte e aprendi a suportar!”

— “Marozia, minha filha, acho que perdi algo — algo que pulsava como uma chama luminosa em meu interior, impelindo-me a expressá-lo! Algo que tentei reter, questionar e traduzir em palavras. Mas se foi — e eu... estou perdido... nas sombras!”. Seu rosto, de repente, tornara-se abatido e pálido, e seus olhos haviam perdido o brilho profundo de outrora.

— “Oh, Pai — querido Pai — o senhor parte o meu coração! Não está perdido, não pode estar! Voltará com novo vigor! O senhor está exausto agora e precisa descansar! Oh, diga-me... diga-me que isso retornará!”. A angústia dela o despertou.

— “Sim, querida, tem de voltar — tem de voltar! O Propósito divino jamais inclui capricho ou fracasso. Ele está sempre a realizar e a aperfeiçoar. Não me abandonaria agora, aqui. Tomo a própria dádiva como sinal e prova.”

— “Falou como o meu querido Pai!”. Um tremor convulsivo percorreu-lhe o corpo, trazendo consigo uma multidão de lembranças inquietantes. Essa fora a resposta dela naquela noite memorável — que parecia ter ocorrido há uma eternidade —, quando caminhavam juntos pelo bosque de faias. Aquilo acontecera no início da tragédia e, naquela noite de sombras proféticas, seu espírito dolorido captara raios de luz da alma radiante dela.

— “Lembra-se, meu pai, da nossa caminhada pela floresta na noite em que voltei para casa? O senhor falou sobre o significado profundo de nossas tristezas e provações e, mais tarde, na biblioteca, ao final da noite, falou com tanta eloquência sobre o *Sic itur ad astra*. Lembrou-me de que o caminho até

lá não importa tanto, desde que alcancemos as estrelas — que simbolizam o nosso objetivo. Agora, o senhor atravessa os ‘desertos cuja solidão pesa sobre o coração com uma angústia silenciosa’. Mas tenha coragem, meu querido pai! No horizonte distante, vejo uma luz — uma luz bela, de tonalidade violeta — e o senhor caminhará nela; vejo-o caminhando nela agora, com suas belas visões tornando-se realidades vivas; e outros — muitos outros — verão e compreenderão por meio de você.”.

Ela falava com entusiasmo e paixão, como se possuísse uma visão profética. Seus olhos brilhavam com ternura, e sua voz vibrava com uma estranha e mística doçura. Ela se inclinou na direção dele, com as mãos entrelaçadas sobre os dedos finos e inquietos dele. Havia uma ternura nostálgica no rosto dele — aquele olhar infantil, oculto durante os anos agitados e combativos, emergia agora por trás da máscara da carne. Não era a fraqueza senil de uma Mente ociosa e de um Coração endurecido, mas a pureza suave de uma alma forte e clarividente, purificada por múltiplas tristezas. Ao contemplá-la com amoroso orgulho, ele se sentiu fortalecido. Conversaram sobre o trabalho e os planos dele, e o brilho retornou ao seu semblante. Ele se maravilhava com o poder e a percepção cada vez maiores dela.

— “Creio que a Chama luminosa penetrou na alma da minha filha”, disse ele, ao se despedirem para a noite.

O sorriso dela trazia um toque de reverência misteriosa, mesclado a um radiante fulgor.